

### 3. As famílias de origem e a construção de visões de mundo e projetos

Conhecer e analisar visões de mundo e projetos de técnicos implica em tentar ampliar nossa compreensão acerca desses sujeitos, relacionando suas visões de mundo com os diversos contextos que eles já experimentaram, ou seja, seus *campos de possibilidades*. Concordando com Gilberto Velho (1987) quando entende que a família é instituição fundamental na construção da subjetividade, inicio buscando contextualizar as histórias de vida dos técnicos de nível médio nas trajetórias dos grupos familiares de onde provêm e onde receberam a mais importante contribuição no período de sua socialização primária (ainda que a importância da família não se reduza de forma alguma a esse momento do ciclo vital)<sup>20</sup>. No capítulo 6 analisarei as famílias atuais dos técnicos buscando perceber quais modelos familiares eles vêm construindo, e que valores os sustentam, cotejando-os com suas experiências nas famílias de origem.

Trabalharei com uma idéia de família que vai além de sua compreensão como “unidade de sobrevivência”, com estratégias econômicas construídas para tal. Essa concepção, que teve repercussão nos campos da Sociologia e da Antropologia durante os anos 80, foi superada por uma compreensão mais abrangente e menos etnocêntrica acerca das famílias das camadas populares, compreendidas como espaço de constituição de um modo de vida próprio referido

*a tradições culturais presentes nas formas como homens e mulheres constroem a representação de sua condição e do mundo no qual estão mergulhados, conferem sentido e razão de ser às suas vidas, elaboram suas identidades e, por essa via, se constituem em sujeitos ativos que definem prioridades, objetivos e projetos de futuro; que estabelecem critérios e regras na organização de sua vida cotidiana; que constroem seus espaços de sociabilidade em que*

---

<sup>20</sup> Entendo “socialização primária” como o período entre o nascimento e o final do ensino fundamental, ou seja, em torno dos 14 anos de idade, quando a maioria dos sujeitos está bastante submetida ao controle da família e relativamente circunscrita social e espacialmente à vizinhança. A concepção de socialização que adoto relativa à inserção na cultura é coerente com a concepção de cultura explicitada no primeiro capítulo. Compreendo a socialização não como mera aculturação (no sentido de absorção) de normas e valores, mas como diálogo entre os indivíduos e seu campo de possibilidade, em que os sujeitos *constroem* significados que podem, ou não, ser idênticos aos significados que lhes foram transmitidos. Nos termos de Chartier, a “apropriação” pelos sujeitos dos significados que circulam a sua volta passa por uma interpretação que esses sujeitos fazem dos significados acessados. Essa orientação, se não é totalmente livre, porque condicionada pelo campo de possibilidades, também não é apenas reflexo deste, conforme Berger e Luckmann (1985) e Dubet (1994).

*se articulam experiências e estratégias de vida diferentes na montagem dos contornos de um 'mundo comum'; que são portadores de códigos morais inscritos em suas regras de comportamento, nos seus critérios de mútuo reconhecimento e também nas suas noções de justiça e injustiça, de legitimidade e ilegitimidade, de ordem e desordem e pelas quais avaliam acontecimentos, situações e experiências vividas (Telles, 1988:1-2).*

Abordando dessa forma as famílias dos técnicos investigados, encontramos entre elas aspectos recorrentes mas também diferenças de modos de vida. A maioria delas, de origem popular, é constituída por trabalhadores semi-alfabetizados nascidos na zona rural, filhos de lavradores. Migraram para a região metropolitana atraídas por oportunidades no mercado de trabalho e possibilidades de acesso a condições mais favoráveis de estudo para os filhos, num projeto de “melhoria de vida”. Diferente desses, 2 dentre os técnicos são de famílias de classe média, com pais e/ou mães professores universitários e 2 outros são filhos de pais técnicos de nível médio: um petroleiro e uma enfermeira. Em cada um desses segmentos, qual (is) o(s) papel(is) da família na socialização desses técnicos? Que práticas e representações construíram-se a partir do espaço familiar e como elas dialogam com os valores e estilos de vida do mundo moderno? Que modelos de família são esses e como eles se articulam com as relações que esses sujeitos constroem com o trabalho, o saber, a escola, e a vida social, instituindo sua visão de mundo e seus projetos de futuro? Iniciamos com a apresentação de uma dentre as trajetórias familiares investigadas. Nosso objetivo é ilustrar, com um pouco de “carne e sangue” (Malinowski, 1980:54)<sup>21</sup> essas trajetórias, ilustrando melhor o intrincado conjunto de circunstâncias onde se movem os sujeitos e suas escolhas, os “imponderáveis da vida real” (idem, 1980) e as relações que vão se tecendo entre todos esses elementos ao longo do tempo numa configuração social concreta.<sup>22</sup> Escolhemos uma das trajetórias familiares de que dispomos de maior número de dados para descrever, não necessariamente a mais típica .

---

<sup>21</sup> Malinowski utiliza essa expressão para se referir às “realidades da vida humana, o fluir constante dos eventos quotidianos” muitas vezes escamoteados sob as estruturas analíticas às quais submetemos nossos dados.

<sup>22</sup> Segundo Bernard Lahire, uma configuração social é “o conjunto dos elos que constitui uma ‘parte’ (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana” (1997: 40). Através desse conceito o autor alerta para o fato de que ao se preocupar, com toda procedência, com o caráter social da vida humana, muitos estudos reificam variáveis explicativas e perdem de vista outro aspecto característico dos fenômenos humanos: sua singularidade.

### 3.1.

#### Os Gomes: uma saga operária

Walmir M. Gomes tem 32 anos, é técnico em Eletrotécnica, formado pelo Instituto Tecnológico (IT) em 1996. Trabalha atualmente numa grande empresa de telecomunicações na capital, onde entrou por concurso e retomou, em 2001, o curso de Engenharia Elétrica numa universidade privada que havia iniciado em 1998 e paralisado por mais de uma vez. Gosta de música e violão, estuda Inglês aos sábados e lamenta que os brasileiros imitem os americanos quando pouco conhecem sua riquíssima cultura. Apesar de se sentir, hoje, com mais afinidade com a área de humanas do que com as exatas, segue seu curso de Engenharia, pois acha difícil mudar de área nessa idade. A meta atual é suportar o curso de Engenharia à noite, depois de um dia de trabalho na empresa, que está em crise e se reestruturando. Estudar, estudar, estudar! Nos finais de semana, “correr atrás” de conteúdos esquecidos: cálculos e mais cálculos. Surpreendentemente para um técnico, resiste a adaptar-se à calculadora científica, confia mais no lápis e no papel e, principalmente, em seu próprio raciocínio. Afirma ter preguiça de computador, mas usa diariamente o correio eletrônico na empresa.

A família de Walmir é uma típica família trabalhadora, metalúrgica: pai, tios maternos e paternos são todos metalúrgicos. Moram num bairro operário, numa cidade fortemente industrial, localizada numa das principais regiões metropolitanas do país. A história dos pais de Walmir é uma história de lutas, conquistas, dificuldades e sonhos. Seu pai, Juraci S. Gomes, o mais velho de 11 irmãos, desde pequeno ajudava o pai, meeiro numa fazenda do interior, carpindo, colhendo, levando o almoço na roça para os adultos. Um sem-fim de tarefas. À distância de uns 8 quilômetros de casa, o menino Juraci freqüentava aulas numa turma multisseriada, na sede da fazenda, com uma professora formada, um privilégio naqueles tempos! O dever, só podia fazer à noite, depois de terminado o serviço à luz de lamparina. O pai de Juraci, avô de Walmir, resolveu mudar-se para a cidade mais próxima à procura de escola para os filhos, quando Juraci tinha 13 anos. Ali, Juraci começou a trabalhar como servente de pedreiro a fim de ajudar nas despesas da casa. O pai de Juraci empregou-se na construção de uma ferrovia.

Nesse período, Juraci terminou o ginásio, estudando à noite. Não seguiu o então segundo grau porque, segundo ele, “naquele tempo só conseguia vaga quem

tinha alguma proteção, alguma indicação de político ou autoridade”. Mais tarde, aos 18 anos, o pai de Walmir resolveu tentar um emprego numa grande siderúrgica,<sup>23</sup> em outra cidade, famosa por oferecer bons salários. Esperava conseguir bom emprego, salário melhor e tornar-se metalúrgico. Como já havia completado o ginásio entrou com facilidade para a companhia. Ali conheceu pela primeira vez o dia-a-dia do mundo da indústria siderúrgica: as máquinas, o minério, os fornos e os diferentes tipos de homens que colocavam tudo para funcionar — os chefes, engenheiros, peões, eletricitas, motoristas. Fez contato com os ritmos de tempo, as normas e hierarquias da grande indústria. Ser trabalhador daquela empresa conferia muito prestígio naquela época. Os comerciantes “adulavam”<sup>24</sup> os trabalhadores da empresa, as moças valorizavam os “rapazes da companhia”. Para os pais do rapaz, era um orgulho! E Juraci continuava ajudando a família, mandando dinheiro para os pais todos os meses. Nesse período conheceu Edmara, menina da roça que veio fazer curso de Corte e Costura na cidade. Namoraram e depois ficaram noivos.

Nessa época Juraci descobriu os cursos do SENAI dentro da empresa. Curioso e interessado em aprender, como sempre foi, estudou Desenho e Tecnologia Mecânica, mas o curso não o ajudou a mudar de área. Continuou trabalhando lá até ser demitido, em 1965. Foi então para a capital, com o irmão. Ali, passou 1 ou 2 anos em empregos diversos, alguns períodos de desemprego, até que foi recontratado para outra planta da mesma siderúrgica, agora na RM. Casou-se e trouxe Edmara para a capital, onde moraram de aluguel em diversos bairros, sempre na Região Industrial. O irmão de Juraci também casou-se, comprou um lote e trouxe os pais e os irmãos do interior para virem morar com ele. Juraci e Edmara passaram uns tempos com eles, economizando o aluguel. Assim, pôde comprar um lote ali perto, dividido com um cunhado, e começou a construir aos poucos.

A família de Edmara também tinha ido morar na RM e todos os irmãos dela acabaram sendo metalúrgicos. Duas famílias metalúrgicas, num bairro metalúrgico, todos morando perto e convivendo intensamente. Só o irmão mais novo de Juraci participava do sindicato. Juraci tinha medo e achava que “greve só ajuda os

---

<sup>23</sup> Multinacional em funcionamento desde 1921, atualmente uma sociedade anônima em operação em diversos estados brasileiros e também no exterior.

<sup>24</sup> Estarei utilizando as aspas também para indicar categorias nativas ao grupo investigado. Expressões entre aspas sem menção a algum autor referir-se-ão, portanto, a categorias nativas.

que ficam. Os que fazem a greve, mesmo, são todos mandados embora”. E ele nunca participou. A luta dos primeiros tempos era para melhorar a casa e garantir bons estudos para os 6 filhos. Edmara não trabalhava fora, mas fazia roupa de cama para vender e assim ajudava nas despesas. O esforço nessa época foi para colocar os filhos em boas escolas: que fizessem seleção de alunos, que tivessem “uma boa casa, um conforto e ainda uma diretora ou orientadora que acompanhasse os professores”. A escola do bairro, na mesma rua em que moravam, “não prestava, era muito fraca e desorganizada”. Walmir e a irmã mais velha, Lúcia, estudaram lá por 1 ou 2 anos e os pais acharam que ali não poderiam ficar. Matricularam os filhos numa escola do SESI, em outro bairro, mesmo tendo que pagar condução, “uma boa escola, exigente e muito organizada”.

Enquanto os filhos estudavam e mesmo trabalhando “de turnos” na empresa, *Seu Juraci* fez, com enormes dificuldades, o supletivo do Segundo Grau. Queria ser promovido a supervisor, mas só o conseguiria com esse diploma. Como aquele era um curso particular, era preciso pagar. Perdia muitas aulas por causa dos turnos, estava sempre cansado e ainda teve problemas em casa com a mulher que se sentia sozinha e tinha ciúmes dos colegas do supletivo, mas conseguiu o diploma do “Segundo Grau” e a sonhada promoção. Mesmo com todo o aperto de tempo, *Seu Juraci* nunca deixou de acompanhar de perto os estudos dos filhos: matriculava-os pessoalmente todos os anos, freqüentava as reuniões de pais, sabia o nome das professoras, se informava de tudo o que acontecia na vida escolar dos filhos. Em casa, D. Edmara vigiava os filhos de perto, não os deixava brincarem soltos na rua. *Seu Juraci* fez questão de garantir que os 5 filhos não trabalhassem até o final do segundo grau, apesar do grande esforço para isso. Ele pretendia que os filhos se dedicassem inteiramente aos estudos e conseguissem ingressar no IT, de onde sairiam com uma profissão que custeasse seus estudos na faculdade. Sempre sonhou que os filhos fizessem uma “faculdade”. Ele via na empresa, que as chances para quem não tem curso superior eram poucas: até onde ele tinha chegado. Dali não se passa mais. Ele mesmo tinha o sonho de fazer uma faculdade, mas com essa vida, emprego, filhos...de que jeito? No meio dessa luta, acabou se separando de D. Edmara. Eles continuam amigos, se respeitam e admiram, um no outro, o amor e o cuidado com os filhos que vão quase todos chegando onde *Seu Juraci* sonhou, mesmo com as muitas dificuldades.

A filha mais velha, Lúcia queria estudar Contabilidade no segundo grau, mas o pai achava que na indústria era mais fácil de achar emprego do que no comércio. Ela fez Eletrotécnica no IT e depois, tentou algumas vezes o vestibular para Medicina, mas não passou. Foi aprovada em Odontologia, mas numa faculdade cara e distante. Resolveu fazer Engenharia Elétrica numa universidade privada que oferece esse curso à noite e perto de sua casa. Depois disso, fez mestrado em Automação na mesma universidade, onde obteve uma bolsa de estudos. Foi professora em uma escola técnica particular, deu aulas como substituta no curso de Engenharia do IT e hoje está desempregada. Com 33 anos de idade, mora com um engenheiro que faz doutorado e trabalha numa empresa do Estado, especializada em Informática.

Walmir, o segundo filho, depois da oitava série no SESI, tentou o vestibular do IT e não conseguiu da primeira vez. Começou o curso técnico numa escola particular e no ano seguinte tentou de novo o Instituto e foi aprovado. Ali adquiriu um embasamento de conhecimento, uma disciplina de estudos e uma ampliação da visão de mundo que até hoje o impressionam e o enchem de orgulho. Foi a base do Instituto Tecnológico (IT) que permitiu a ele prosseguir os estudos e ampliar suas capacidades. Formou-se em 1996, e depois de trabalhar um período como autônomo, fez um concurso e empregou-se numa “boa empresa”. Hoje, aos 32 anos, trabalha de dia e estuda Engenharia numa universidade privada, à noite. Teve muitas dificuldades na faculdade, como falta de recursos para arcar com as mensalidades, e a necessidade de fazer muitas viagens a serviço, chegando a trancar a matrícula por 3 vezes. Atualmente a empresa em que ele trabalha, tem um programa que financia 50% do curso superior de alguns funcionários e assim ele se animou a voltar a estudar, mas ainda com dificuldades. Ele se sente muito atrasado, esqueceu muitos detalhes das matérias da faculdade, por causa do tempo parado, mas está conseguindo acompanhar e não foi reprovado em nenhuma disciplina desde que retomou o curso, apesar de ter passado por alguns “apertos”. Gosta muito do curso de Inglês que faz aos sábados.

A terceira filha de *Seu* Juraci e D. Edmara, Selma, tem 31 anos, fez o curso de Edificações no IT. Depois de formada, trabalhava de dia e cursava Engenharia Civil à noite. Hoje é engenheira na mesma empresa. Selma é casada e não tem filhos. A quarta filha, Mara, está com 29 anos, fez o curso técnico em Química no IT. Não chegou a trabalhar nessa profissão. Hoje faz o curso de Tecnólogo de

Qualidade no Instituto e mora com a mãe e 2 irmãos. O quinto filho, Rônei, foi o único que não estudou no IT, mas curiosamente é hoje funcionário concursado dessa escola. Não tem muita vontade de fazer faculdade, mesmo com a cobrança dos pais. Está mais empolgado com a construção de sua casa no lote que ele, o pai e o irmão Walmir compraram juntos. O pai também está construindo lá e é Rônei quem toma as decisões das duas construções, a dele e a do pai.

*Seu Juraci* tem um sexto filho, de um relacionamento curto que teve logo depois que se separou. O menino, com 11 anos, morava ultimamente com uma tia doente, num bairro muito pobre e vivia “largado”. O pai, aflito com a situação, procurou os filhos mais velhos, falou-lhes pela primeira vez sobre esse filho e pediu-lhes ajuda. Todos assumiram o problema e decidiram ajudar na criação do meio-irmão. Propuseram à mãe levá-lo para casa a fim de “fazerem dele um homem”. Ela, surpreendentemente, também assumiu o menino e cada um dos filhos mais velhos passou a arcar parte da responsabilidade e das despesas: mensalidade e transporte para a escola, psicóloga, roupas, material. Levam-no ao shopping, ao cinema e ao teatro nos finais de semana. Em troca, ele precisa estudar, ser obediente e tirar boas notas. Como a mudança ainda é recente, o menino resiste mas D.Edmara já afeiçoou-se profundamente a ele.

Depois de 30 anos de serviço, *Seu Juraci* aposentou-se. Como isso ocorreu na época do Plano Collor, ele, como todos os trabalhadores, teve perdas. Olhando para trás, ele vê que houve um tempo bom na empresa, principalmente quando lá ingressou, na década de 70. Os salários de então eram bons e havia vários benefícios para os empregados. Depois, as condições de trabalho se deterioraram. *Seu Juraci* pensa que os motivos foram “a situação do país” e “os problemas do governo” o que obrigou a empresa a reduzir os benefícios. Ele se queixa de que não teve nenhum apoio da empresa para estudar, mas mesmo assim lutou muito. Recebeu propostas de trabalho em outras empresas, mas teve medo de arriscar: tinha muitos filhos, estava já adaptado ali. “E se não desse certo?” *Seu Juraci* procura uma nova atividade profissional: tentou ser representante comercial de algum produto na área da indústria, mas a idade e a concorrência com o pessoal jovem e diplomado tornam tudo difícil. Ele também não descarta o sonho de voltar a estudar. Analisa os manuais de candidatos ao vestibular das escolas públicas, avaliando os cursos pelos quais ele poderia se interessar. Também lê muito. Gosta de livros de Psicologia e adorou ler “Tempestade em Copo d’Água”, indicado por

uma das filhas e “Saúde, Felicidade e Paz de Espírito Através do Bom-Humor”, encontrado numa livraria.

*Seu* Juraci se sente feliz porque os filhos hoje agradecem sua participação em tudo o que eles conquistaram, o que o faz sentir-se realizado. Hoje, torce para que os que ainda não o fizeram, terminem seus cursos e que todos tenham boas oportunidades na vida e sejam felizes. De vez em quando saem juntos pai e filhos. Reúnem-se nos aniversários, vão a algum bom restaurante onde os filhos tiram fotos e dão cópias ao pai. Agora, com a casa nova, Juraci espera poder receber os filhos com mais frequência e até construiu uma área ampla com churrasqueira para isso. Walmir sonha todos os dias com sua formatura na faculdade. Enquanto isso, procura se adaptar às mudanças na organização da empresa em que trabalha, que foi privatizada. Depois de muitas dúvidas, hoje parece animado com a idéia de casar-se, construir sua casa e até de ter filhos — ele e a noiva já não podem adiar muito! Mas resente-se da falta de tempo para lazer e, principalmente, para atividades culturais como aulas de violão, teatro e dança.

### 3.2.

#### **As famílias e suas condições de vida**

A saga da família Gomes foi aqui recortada entre as gerações de *seu* Juraci e de Walmir. *Seu* Juraci nasceu no início da década de 40, quando, de uma população de cerca de 42 milhões de habitantes, o Brasil apresentava aproximadamente 30 milhões na zona rural e 12 milhões na zona urbana. Quando *seu* Juraci, aos 18 anos, muda-se sozinho para a cidade onde ingressou na siderúrgica, 57% da população da região Sudeste vivia nas áreas urbanas. Quando nascem seus filhos, na década de 70, o país como um todo já é majoritariamente urbano e, no Sudeste, 73% da população vive em cidades. Os filhos do *Seu* Juraci nascem e são criados, portanto, num “mundo” urbano.

Ao lado desse processo, desenvolve-se rapidamente a industrialização, que abre perspectivas de novas formas de ganhar a vida e também de novas formas de ver o mundo, conviver, organizar o tempo, a família, a vida social, o futuro. Em 1940, 16% dos trabalhadores brasileiros atuavam na indústria, enquanto que os pais de *seu* Juraci faziam parte dos 64% que trabalhavam na agricultura.<sup>25</sup> Quando

---

<sup>25</sup> Para além do uso tradicional de aspas quando de citação de autor, aqui utilizo aspas para indicar categorias nativas ao grupo investigado. Expressões entre aspas sem menção a algum autor referir-se-ão a categorias nativas.

seu Juraci ingressa na siderúrgica, no final dos anos 50, já caíra para cerca de 54% a taxa de trabalhadores agrícolas no país e se elevava para 18% a taxa dos ligados à indústria, taxa que cresce para 19% na década de 70, quando nascem seus filhos, para 24% na década de 80, quando Walmir, o segundo dos filhos, se forma no IT e ingressa no mercado de trabalho como técnico em Eletrotécnica.<sup>26</sup>

Inseridas no processo de urbanização e industrialização da sociedade brasileira, ao longo de suas trajetórias as famílias dos técnicos passam a dialogar com novos códigos, significados e projetos que se articulam em transformações sociais de nível macro: desenvolvimento e valorização da ciência e da tecnologia; laicização; individualização; ampliação da escolarização; desenvolvimento das mídias e democratização do acesso a bens de consumo durável, como rádio, TV, videocassete e computador; desenvolvimento da indústria de entretenimento, dos transportes e das telecomunicações, enfim, todo o complexo processo de modernização brasileira que, a partir dos anos 90, entra na fase de aprofundamento ou radicalização que denominamos “modernidade tardia”. O enorme contingente de trabalhadores que migraram da zona rural para as cidades, como a maioria dos pais dos técnicos investigados, analfabetos ou semi-analfabetos e socializados segundo normas da vida rural, se viram na contingência de interagir com os processos sociais acima a fim de viabilizar sua inserção na vida econômica e sócio-cultural da grande cidade.

### **Quadro 3: Escolaridade dos pais e mães dos técnicos investigados quando de seu ingresso no Instituto Tecnológico**

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Pais</b>	<b>Mães</b>
<b>Até 4ª série</b>	10	14
<b>Entre 5ª e 8ª séries</b>	7	1
<b>2o. grau (completo ou incompleto)</b>	1	3
<b>3º grau</b>	2	2
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>20</b>

**Fonte: Entrevistas e questionário**

Alguns problemas foram sentidos de forma imediata: encontrar um local de moradia e inserir-se no mercado de trabalho. Na seqüência, garantir estudos e emprego para os filhos. A moradia em geral foi mediada pelo apoio de parentes já instalados na região. Alguns pais, migrantes, como a maioria dos trabalhadores

<sup>26</sup> Fonte: IBGE. Censos Demográfico e Industrial APUD *Retrato do Brasil*. Vol.3, Editora Política, sd, pág. 118.

urbanos nesse período, tiveram benefícios ao contar com uma rede de apoio anteriormente instalada na cidade-destino. Em outras famílias, o pai/mãe ou sua família são o primeiro grupo daquela rede social a migrar para a Região Metropolitana (RM), não contando com nenhum apoio. Muitas famílias passam por inúmeras mudanças de endereço, morando em casas, barracões ou cômodos alugados até conseguirem um terreno num bairro ou “vila”. No momento da pesquisa, 2 famílias de técnicos residiam em vilas (ou favelas), uma na Cidade Industrial, outra na Zona Norte da cidade. 2 famílias residiam em bairros de classe média, porém, fora das “áreas nobres” da cidade. As famílias originais (pais e demais membros) de 2 técnicos permaneceram no interior: uma numa cidade da RM, onde ele nasceu, e outra numa cidade a 200 quilômetros da capital. As 14 famílias restantes residem em bairros populares ou de classe média baixa. Muitos viveram longos períodos em condições precárias, sem infra-estrutura: calçamento, água encanada e esgoto.

*Tinha uma vida de muita dificuldade porque éramos 6 irmãos... nem janela a casa tinha, só madeira pregada, depois que papai foi arrumando, o piso era de terra ainda... [José Paulo].*

Em seus depoimentos, a maioria dos técnicos entrevistados referiu-se com frequência a sua origem pobre, a uma infância carente, a bairros muito distantes, pobres e desvalorizados naquela época. A idade de inserção dos filhos no mercado de trabalho é um tradicional indicador da condição das famílias. No caso dos técnicos estudados, tem-se o quadro que se segue.

**Quadro 4: Idade de Ingresso dos Técnicos Investigados no Mercado de Trabalho**

<b>Período de início de atividade remunerada</b>	<b>Número de técnicos</b>
<b>Até 15 anos (durante o ensino fundamental)</b>	12
<b>Entre 15 e 17 anos (durante o ensino médio)</b>	2
<b>Após a conclusão do curso técnico</b>	7
<b>Após a conclusão do curso superior</b>	1

**Fonte: Entrevistas e questionário**

Dos 4 técnicos cujos pais têm ocupação de nível médio ou superior, 3 cursaram o então primeiro grau em escolas privadas (Isadora, Danilo e Marcelo). Esses 4 só ingressaram no mercado de trabalho depois de obterem seus diplomas de técnicos. Outros importantes elementos a serem destacados nas trajetórias familiares são a estabilidade ou não do casal (vida em comum até pelo menos a adoles-

cência do filho-referência para essa pesquisa) e também a relativa estabilidade profissional do pai (Laurens, 1992).

**Quadro 5: Estrutura familiar quanto à situação do casal à época no ingresso no curso técnico**

Situação do casal	Número de Famílias
Casal estável	11
Casal separado	2
Mãe viúva	3
Sem dados	2
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>

**Fonte: Entrevistas e questionário**

Dentre os 20 entrevistados, encontrei 7 famílias de origem onde não estava presente a figura do pai, ou em que o casal encontra-se separado quando de seu ingresso no curso técnico: 2 (Luiza e Leopoldo) foram criados apenas pelas mães, ambas com empregos estáveis: uma funcionária da universidade federal e outra enfermeira. Em nenhum dos dois casos pude esclarecer as circunstâncias da perda dos pais, que nunca foram citados. Há dois casos de separação dos pais (pais de Solange e de Danilo). Tais separações, ocorridas no início da adolescência dos filhos-referência, afetou-os bastante emocionalmente. Apesar disso, não parece ter havido uma alteração muito grande nas condições de vida das famílias.<sup>27</sup> As outras três situações são de mães viúvas que foram casadas por longos anos e perderam os maridos. No caso de Olacir, filho mais velho de uma família de cinco filhos, ele tinha treze anos e cursava o primeiro grau quando o pai morreu. A perda financeira foi significativa para a família, pois a pensão recebida pelas viúvas é bastante inferior ao salário do marido. Aos quinze anos Olacir ingressa num programa assistencial de colocação de menores no trabalho como *office-boy*. Temos uma situação bastante dramática: a mãe, que tinha sido doméstica antes de se casar, não trabalhava fora; o filho mais velho tinha 13 anos de idade e havia mais 4 outras crianças dentro de casa.

Em outros dois casos, os filhos-referência, Marilton e Marcelo, eram ainda crianças quando os pais faleceram. Marilton era o oitavo de 10 irmãos. A família vendeu a pequena propriedade em que vivia e mudou-se para a cidade do interior

<sup>27</sup> Os pais de Walmir separaram-se depois que ele já estava formado como técnico.

próxima, onde a mãe montou uma loja. O fato de contar com a propriedade possibilitou a essa família estabelecer um novo negócio e garantir um rendimento à mãe. Além disso, quando o pai morreu vários irmãos já estavam em idade de trabalhar, ajudando nas despesas da casa. Já no caso de Marcelo, quando o pai, professor da universidade federal, faleceu, a mãe foi, junto com os filhos, morar com os pais. O avô de Marcelo era funcionário da receita e tinha outras atividades. Segundo Marcelo, a situação da família em sua infância era confortável e ele sempre estudou em bons colégios particulares. Vemos, assim, que, apesar da morte do pai e viuvez da mãe certamente ter causado um impacto emocional ao grupo familiar, os problemas de ordem financeira foram mais dramáticos em apenas uma das seis famílias que perderam o pai por morte.

A dissolução da estrutura da família nuclear por morte ou por separação, ocorrida em sete casos, teve fortes repercussões emocionais em dois casos, repercussões financeiras relativamente graves em apenas uma situação e menor repercussão em outros três casos, sendo que restam dois casos sem maior esclarecimento. Num deles, o de Leonardo, sabe-se que foram acentuadas as dificuldades financeiras da família, sustentada pela mãe, durante sua infância. Confirma-se, então, apenas em parte, a hipótese de Laurens (1992) da preeminência da estabilidade do casal como fator de sucesso na escolarização de crianças de origem popular. Realmente, várias famílias sentiram repercussões da alteração estrutural, principalmente as famílias de origem popular, com maior número de filhos pequenos. Na família de Olacir, vários irmãos interromperam os estudos, mas, curiosamente, não ele próprio, que era o mais velho. Por outro lado, vemos que entre esses sete filhos-referência em lares sem o chefe-provedor, seis cursaram ou estão cursando o curso superior.<sup>28</sup> A ausência do chefe-provedor teve repercussões mais limitadas na maioria desses casos, já que os grupos familiares contaram com uma estrutura financeira que garantiu estabilidade, possibilitando a continuidade dos estudos de pelo menos parte dos filhos, pelo menos até o segundo grau.

Conforme vimos antes, a estabilidade financeira mostra-se definidora do peso da estrutura familiar no destino dos filhos, definindo ou relativizando o peso da estabilidade do casal nas trajetórias familiares. Ao pesquisar as trajetórias familiares de alunos de cursos de Engenharia filhos de operários na região industrial

---

<sup>28</sup> Lembramos aqui que alcançar o curso superior não significa, necessariamente, um grande progresso profissional e salarial, ainda que potencialize suas chances.

francesa de Toulouse, Jean-Paul Laurens (1992) apontou para a importância da estabilidade profissional dos pais como um dos fatores que contribuem para viabilizar o sucesso escolar dos filhos nesse segmento social. Segundo essa pesquisa, um “bom emprego” (*bonne place*: rendimentos relativamente bons ou razoáveis além de benefícios outros como cesta de natal, colônia de férias, atendimento médico, 13º salário), mesmo sob condições muitas vezes penosas, autoriza um projeto familiar a longo prazo, como o de melhoria de vida através da escolarização. “Bons empregos também reduzem a ocorrência de situações “dramáticas” como o desemprego prolongado do pai ou a ausência de recursos financeiros para o sustento mínimo da família, que poderia desagregar ou obrigar seus membros a buscarem individualmente tais recursos. Quanto à estabilidade financeira das famílias investigadas, além dos casos de morte do pai acima analisados, não tive conhecimento de nenhum caso em que o pai tenha vivido período prolongado de desemprego. Muitas famílias passaram dificuldades financeiras porque os pais ganhavam pouco mas seu salário sempre garantiu a despesa básica, chamada de “o grosso”, que corresponde ao que se denomina usualmente de “cesta básica”. Já em outras, com o pai melhor posicionado no mercado, havia condições para arcar também com despesas de material escolar, transporte, roupas e sapatos, ainda que limitadas.

Os pais dos técnicos apresentam atividades profissionais semiqualficadas ou qualificadas (Quadro 6 abaixo), não se registrando entre eles um único caso de atividades como servente de pedreiro, vigia, porteiro, ambulantes etc, classificadas por Pastore e Valle Silva (1999) como as menos qualificadas das áreas urbanas. Segundo José Pastore e Nélon do Valle Silva, dois especialistas em estudos de mobilidade social, comparados com seus pais, 50% dos brasileiros progrediram, 13% caíram e 37% mantiveram a mesma condição no período entre 1973 e 1996. As famílias de nossos técnicos encontram-se espalhadas por todas essas faixas: há um caso de bisavós proprietários de terras e pai motorista de ônibus semi-analfabeto, constituindo-se numa trajetória típica de *contra-mobilidade social*, inter-generacional, situada na faixa dos 13% que “caíram”. Há casos de avós meeiros e analfabetos e pais operários semiqualficados, qualificados ou ainda comerciários e ferroviários, situados entre os 50% que progrediram. Esse é o maior grupo entre as famílias investigadas. Mas registramos ainda casos de avós comer-

cientes e gerentes e pais professores universitários (dois casos), ou de avós operários e pais operários, situados entre os 37% que mantiveram a mesma condição.

**Quadro 6: Atividade profissional dos pais dos técnicos quando de seu ingresso no curso técnico**

Tipo de Atividade	Pai	Mãe
<b>Agricultor (pequeno proprietário) *</b>	1	
<b>Do Lar *</b>		11
<b>Empregada Doméstica *</b>		1
<b>Camelô *</b>	1	
<b>Taxista (proprietário e motorista) *</b>	2	
<b>Proprietário de Táxi *</b>		1
<b>Auxiliar de escritório *</b>	1	
<b>Balconista **</b>	3	
<b>Funcionário Público Federal não qualificado **</b>		1
<b>Ferroviário **</b>	1	
<b>Motorista de ônibus urbano **</b>	1	
<b>Depiladora **</b>		1
<b>Petroleiro (técnico nível médio) ***</b>	1	
<b>Auxiliar de Enfermagem ***</b>		1
<b>Operário Metalúrgico ***</b>	4	
<b>Professora primária da rede estadual ***</b>		1
<b>Micro-Empresário ***</b>	1	
<b>Professor universitário ****</b>	2	1
<b>Psicóloga ****</b>		1
<b>Sem dados</b>	2	1
<b>TOTAL</b>	20	20

\* Profissões não-qualificadas; \*\* Profissões semiqualficadas;

\*\*\*Profissões qualificadas; \*\*\*\*Profissões liberais (segundo Pastore e Valle Silva, 1999)

Fonte: Entrevistas e questionário

Se analisarmos a mobilidade social da família entre as duas últimas gerações (pais dos técnicos e os próprios técnicos investigados) veremos uma menor diversidade de situações: teremos um número significativo de famílias em situação de relativa estabilidade (12) —considerando o filho-referência (como pai motorista ou operário qualificado e filho operário ou trabalhador qualificado, pai micro-empresário e filho pequeno empresário, mãe faxineira e filho almoxarife, pai professor universitário e filho gerente de empresa multinacional, mãe técnica em enfermagem e filha técnica em eletrotécnica, pai técnico petroleiro e filho técnico em eletrônica,) e outro grupo, pouco menor (8), de famílias em mobilidade ascendente (como pai comerciante e filho gerente de empresa, pai taxista e filho engenheiro, pai operário e filho técnico). Esses dados apontam para o fato de que *fazer*

*o curso técnico pode significar ou não uma mobilidade ascendente.* Na verdade, alguns grupos ainda se encontram em processo de mobilidade, com os filhos-referência ainda em processo de formação, cursando a faculdade, podendo vir a alcançar alguma ascensão. Observe-se que, entre aquelas famílias em mobilidade inter-generacional ascendente, quase todas só ascenderam após a formatura do filho-referência em curso superior. Esses dados que encontramos confirmam ainda a tese de Pastore e Valle Silva (1999) de que é mais fácil ascender quando se encontra num nível muito baixo (lavrador analfabeto) sendo que, a partir de então, as possibilidades de ascensão vão sendo restringidas. Assim, a maioria dos técnicos que investigamos encontra um mercado muito mais competitivo do que seus pais: o momento na história do país é outro, os centros urbanos que antes careciam de mão de obra agora acumulam um significativo mercado de reserva (tanto pelo aumento da população trabalhadora quanto pelo aumento da produtividade nas empresas) tornando mais difíceis as possibilidades de ascensão. Percebe-se o porquê da necessidade de investigar-se em que medida os trabalhadores qualificados a nível médio estão de fato em franco processo de ascensão social, de aristocratização ou de inserção nas classes médias.

No caso dos técnicos investigados, alguns dos fatores de descontinuidade na estabilidade da família, como a morte do pai, se são situações que dificultam a realização dos projetos familiares e individuais, não os impedem, até porque o desemprego e outras situações de maior instabilidade, como o alcoolismo, estão afastadas da trajetória da grande maioria deles, favorecendo a conclusão do 1º grau e a ultrapassagem da fronteira do processo seletivo do Instituto Tecnológico (IT). Interessa-nos agora analisar como se organizavam essas famílias em seu cotidiano durante o período da socialização primária dos filhos. Existia de antemão o objetivo consciente de escolarização e ascensão social? Eram tomadas providências concretas nesse sentido? Que hábitos e valores eram cultivados? Como o curso técnico aparece como perspectiva para esses sujeitos?

### 3.3. Projeto e socialização

Os projetos, como analisou Gilberto Velho (1999), são elaborados a partir de experiências sócio-culturais, de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente. Além disso, eles constituem-se em atividade reflexiva, consciente e passível de explicitação. Sendo profundamente dinâmicos, sofrem inúmeras transformações ao longo da trajetória de vida, demonstrando, inclusive, sua limitação enquanto definidor dos destinos dos sujeitos, pois o campo de possibilidades parece ser tão poderoso quanto a intencionalidade dos projetos na definição das trajetórias de vida. Os objetivos e estratégias dos sujeitos têm que se submeter às condições concretas com que dialogam (incluindo aí os universos simbólicos), ainda que isso ocorra de forma ativa, ou seja, cada sujeito criando diferentes estratégias frente a cada conjunto de circunstâncias. Os projetos mobilizam emoções, orientam escolhas e decisões, hábitos e comportamentos, conforme assinala Gilberto Velho. Evitaremos aqui compreender a perspectiva de Velho acerca do caráter consciente dos projetos como um superdimensionamento da ação racional dos indivíduos, uma vez que somos sensíveis ao alerta de Delma Pessanha Neves, segundo o qual

*Qualquer cálculo é sempre o jogo de plausibilidades e referências, poucas vezes construído de modo racional. Acasos e irracionalidades, referências irreconhecidas estão sempre no mesmo jogo. As escolhas se dão num meio cultural heterogêneo e não se baseiam no cálculo de um indivíduo utilitário ou na impotência ou fraqueza de um indivíduo submetido a contingências e arbitrários sociais como único contexto englobante (Neves, 1995:61).*

As pesquisas de Velho, em camadas médias urbanas, destacam trajetórias bastante individualizadas, marcadas pela ruptura com os valores dos grupos de origem: pessoas, inclusive oriundas de bairros da periferia que, através dos estudos e/ou da vida profissional, acessam novas visões de mundo e também obtêm rendimentos suficientes para possibilitar um afastamento já desejado do grupo de origem em direção a outros grupos mais valorizados, ou porque seriam mais educados, ou mais liberais, ou mais politizados ou ainda por serem “alternativos”. São portanto trajetórias que experimentam, em algum momento, uma ruptura com as famílias de origem e seus universos simbólicos, mesmo que mais tarde essa conexão possa ser retomada — ou não. Interessa-nos identificar as relações entre o

campo de possibilidades das famílias dos técnicos investigados e os projetos por eles construídos e reconstruídos.

Inúmeros autores destacam o projeto de melhoria de vida como um poderoso elemento da cultura dos trabalhadores.<sup>29</sup> Os trabalhadores brasileiros vêm historicamente lutando por acesso a desde infra-estrutura urbana (água encanada e tratada, esgoto, calçamento, transporte, educação, saúde) até aos códigos de comportamento que definem *status* sociais; passando pelo acesso a níveis culturais além da educação básica e às diferentes formas de lazer, submetidos que estão a todas essas formas de exclusão. Na sociedade capitalista, cada vez mais esses acessos são privatizados, só sendo franqueados aos setores da população que podem pagar por eles. O mundo do trabalho, único acesso da classe trabalhadora a algum tipo de rendimento, além de ser um dos seus únicos espaços de legitimação social, constitui-se como elemento fundamental em seus projetos. No mundo do trabalho haveria a possibilidade de acesso a posições melhor remuneradas através ou do capital social<sup>30</sup> do grupo (contatos, amizades, trocas de favores) ou através da conquista de posições em função da utilidade ou competência reconhecidas, no trabalhador, pelo empregador. Para as famílias investigadas, as “chances”<sup>31</sup> concentram-se na segunda alternativa: conquistar reconhecimento demonstrando competência no mundo do trabalho. Nesse projeto, a escola profissionalizante é espaço fundamental. A “chance”, então, além de um acaso, uma sorte, pode ser fruto de uma construção, através de persistência, como no caso da longa, cara e penosa carreira escolar.

*Meu pai, apesar de pouca cultura, ele sempre batalhou pra gente poder estudar, pra ter uma vida melhor que ele teve, ele foi um grande incentivador da gente (Walmir).*

<sup>29</sup> Caldeira, 1984; Lahud, 1997; Lima, 1996; Macedo, 1985; Sarti, 1996, dentre outros.

<sup>30</sup> Estou me referindo aqui aos conceitos clássicos de Bourdieu de *campo* e de *capital*, em que o *campo* é visto como um espaço onde se manifestam relações de poder estruturadas a partir da distribuição desigual de um *quantum* do(s) tipo(s) de capital valorizado(s) naquele campo (científico, social, acadêmico, cultural, etc) que é detido por cada um dos agentes ali localizados e que, em função disso, se localizarão, no interior do campo, em algum ponto entre seus dois pólos opostos: o dos dominantes, onde se localizam os que possuem maior *quantum* de capital e o dos dominados, em cujo extremos se localizam os destituídos daquele capital.

<sup>31</sup> Categoria forte nas representações de diferentes segmentos de trabalhadores. Quanto maior a dificuldade de vislumbrar uma carreira ascendente, mais significativas se tornam as “chances” ou “oportunidades” para determinados grupos sociais, o que demanda atenção e prontidão para seu aproveitamento. Muitos segmentos de trabalhadores localizam suas esperanças de melhoria na ocorrência de situações de ruptura, no sentido de que quebram a seqüência rotineira dos acontecimentos, abrindo uma possibilidade nova, em geral relacionada à melhoria de posição social.

Ao identificar os projetos que mobilizaram as famílias dos técnicos, vemos que todos os pais fizeram algum movimento pessoal relativamente bem sucedido em busca de melhoria de emprego, algumas vezes através de investimento na escolarização. Esse já era então um projeto presente na geração dos pais. Em alguns casos, como no de *seu* Juraci, a elevação da escolaridade foi possível (ele terminou o segundo grau e conseguiu um cargo de supervisor de produção), apesar das enormes dificuldades; em outros casos não. Os pais de Roberto e Olacir, ao chegarem na capital, trabalharam como trocadores de ônibus enquanto buscavam qualificação profissional: o de Roberto fez um curso de aprendizagem em Mecânica no IT e tornou-se mais tarde frezador de uma multinacional do setor siderúrgico, onde trabalhou até aposentar-se. O pai de Olacir tirou carteira de motorista profissional e exerceu essa profissão até falecer. Sua esposa, D.Terezinha, acalenta ainda hoje o sonho de retomar os estudos “se não fosse a filha trazer neto pra eu tomar conta...” O pai de Fernando vendia laranjas nas ruas e, com o tempo, chegou a vendedor de calçados em loja. O fato de os pais terem experimentado alguma ascensão profissional parece incutir uma confiança nessas famílias em relação ao mundo do trabalho, diferente do que ocorre em outros segmentos de trabalhadores em que a experiência de permanente instabilidade profissional ou mesmo de desemprego crônico dos pais parece corroer suas expectativas em relação ao mundo do trabalho. Além disso, os projetos familiares também se caracterizam enquanto tal pelo fato de muitos pais e mães sacrificarem seus projetos individuais para oferecerem à geração seguinte condições mais favoráveis na busca por uma inserção mais interessante no mercado e na sociedade.

### **3.4. Estrutura familiar, projeto e socialização**

Em sua maioria, as estruturas familiares dos técnicos são constituídas de pai, mãe e filhos, em unidade doméstica independente. Há o caso de Walmir, em que parte da vida dos pais (*seu* Juraci e dona Edmara) se desenrolou em unidade doméstica em terreno compartilhado com um irmão casado e os pais. Também a unidade doméstica atual está em terreno compartilhado com a família da irmã de dona Edmara (o cunhado, a irmã e os filhos), onde mora ainda, em unidade também semi-individual, a sogra. As três unidades são separadas e independentes mas possuem comunicação interna. Na vizinhança, todos os irmãos e cunhados. Man-

têm-se, fortemente, as relações cotidianas do grupo familiar ampliado. Ao mesmo tempo, temos nesse mesmo grupo, com *seu* Juraci e dona Edmara, um dos dois únicos casos de casais desquitados dentre os técnicos investigados. Encontramos então, num único grupo familiar, uma estrutura mista de família ampliada (como em modelos tidos como tradicionais), mas organizada em grupos nucleares (pai/mãe/filhos) economicamente independentes mas fortemente amparados uns aos outros, ao mesmo tempo em que aparece, ainda na geração dos pais, um arranjo “novo”: mãe separada e alguns filhos numa unidade semicompartilhada com outras e pai em outra unidade compartilhando o terreno com unidades individuais de dois filhos homens. Também nessa família há uma filha que mora com o companheiro sem ter-se casado oficialmente. Nenhum filho solteiro mora ou morou sozinho.

Nos demais casos, os pais constituíram famílias nucleares independentes. Apenas duas famílias, chefiadas por mulheres (a mãe de Marcelo, que ficou viúva, e a mãe de Leopoldo, de quem não conhecemos a história) residiam com os avós, pais da mãe. A mãe de Marcelo foi morar, junto com os filhos, com o avô materno, que, além de “outras funções públicas”, era fiscal de rendas do Estado. Um tio era diretor de uma das faculdades da universidade federal. Marcelo estudou em boas escolas privadas de elite e só começou a trabalhar depois de haver completado o curso técnico. A família atual de Danilo se organiza da seguinte forma: ele e o irmão residem com o pai, separado da mãe. Os filhos quase nunca têm contato com a mãe e a relação com o pai parece ser bastante deteriorada, se limitando a trocas de informações imprescindíveis para a vida em comum. É o único caso de pouquíssimo peso da família no cotidiano e nos projetos do filho-referência. O número de filhos das famílias é bem menor do que na geração anterior (média de 5 filhos nas famílias de origem), tendência nacional desde a década de 80, mas ainda aparecem famílias de origem mais numerosas do que a atual média nacional (há famílias com 8 ou 9 filhos). Segundo dados do IBGE, as famílias de camadas médias brasileiras possuem em média 2 filhos por casal (dados de 2001) enquanto entre as famílias de classe popular a média é de 5,6 filhos por casal, o que indica uma diferença também cultural. As famílias atuais de todos os técnicos casados registram uma acentuada redução no número de filhos.

Vimos na o Quadro 6 que 12 das 20 mães trabalham em casa. O fato de as mães nunca terem trabalhado fora, ou terem parado de trabalhar assim que se ca-

saram, é visto como motivo de satisfação, como fator favorável pelos filhos-técnicos: *Minha mãe ela é do lar, assim. Graças a Deus ela nunca teve que abrir mão de ficar com a gente pra digamos ter que buscar recursos fora (Welber).*

Entrevistando esposas de operários-padrão, Antônia Colbari (1995) recolheu depoimentos que falam da imposição do sacrifício da carreira profissional da mulher em prol da família. No caso das mães dos técnicos investigados por nós, esse discurso não apareceu, apesar de algumas mães lamentarem não terem prosseguido os estudos. Ouvi depoimentos de mães que se queixaram das limitações financeiras da família pela reduzida remuneração dos maridos, mas não percebi ressentimentos pela não-construção de uma carreira própria, talvez pelo fato de que essas mães, tão precocemente excluídas da escola, não vislumbrassem uma colocação interessante no mercado de trabalho urbano. Porém algumas mães (6) trabalharam fora ao longo da vida do entrevistado. Em nenhum desses casos o filho fez qualquer comentário sobre o fato da mãe trabalhar fora. É interessante cotejar o trabalho fora das mães, sua escolaridade e o tipo de socialização oferecido ao filho. Laurens (1992) encontrou, entre os estudantes de engenharia de Toulouse que são filhos de trabalhadores, uma taxa de mães com escolaridade média acima da média nacional da França. Também constatou uma correlação positiva entre mães “ativas” (que trabalham fora) e sucesso escolar dos filhos. Talvez essa correlação possa ser explicada não só pelo domínio, pelas mães, dos conteúdos escolares mas também dos ritmos e regras que penetram a família através dos hábitos adquiridos pelas mães no mercado de trabalho. Por outro lado, essa penetração das modernas “disciplinas”<sup>32</sup> na família pode ocorrer por outros canais, como através do pai, quando inserido em situações de trabalho que o favoreçam ou ainda de outras instituições, como as igrejas, associações diversas, a escola, a parentela.

Nada do que Laurens percebe na França acontece entre a maioria dos nossos técnicos. Entre as mães, apenas 6 trabalham fora, submetidas ao mercado, durante o período de socialização primária dos filhos: 1- mãe de Ednardo: professora das séries iniciais, escolaridade média, casada; 2- mãe de Leopoldo: serventuária da universidade federal, escolaridade básica incompleta, sozinha;

---

<sup>32</sup> Segundo Foucault, as modernas disciplinas constituem-se em novas concepções e padrões de uso do tempo, do espaço, do corpo, em novos padrões de relações sociais e novas relações com o conhecimento, caracterizadas pelo esquadramento ou fragmentação desses elementos, racionalizando-os ao limite e favorecendo ganhos de produtividade (FOUCAULT, 1982)

3- mãe de Luiza: auxiliar de Enfermagem, escolaridade média, sozinha; 4- mãe de Marilton: comerciante, escolaridade básica, viúva; 5- mãe de Marcelo: professora da universidade federal, escolaridade superior, viúva; 6- mãe de Fernando: empregada doméstica, escolaridade básica incompleta, viúva. Podemos observar que o nível de escolaridade dessas mães que trabalhavam fora é altamente diferenciado e que varia muito o tipo de atividade desempenhada, seu *status*, sua remuneração e suas rotinas. Na pesquisa de Laurens, as mães “ativas” tinham, em geral, bom nível de escolaridade, na maioria das vezes mais elevado do que o marido e forneciam um adicional financeiro à família, o que favorecia maiores gastos com a instrução dos filhos. Em nossa pesquisa, é digno de nota o fato de que, dentre as 6 mães que trabalhavam fora, apenas uma conta com o marido ou companheiro (ou por divórcio, ou por serem mães-solteiras ou viúvas). O fato de serem “ativas” por si só não beneficia, portanto, os filhos com uma renda adicional pois em muitos casos estão suprimindo a falta do chefe-provedor. Além disso, existem as outras 14 mães que não trabalham fora cujos filhos, mesmo assim, tiveram relativo sucesso escolar.

Por todas essas razões, destaca-se o papel do pai nessas famílias. De fato, no conjunto dos depoimentos, o pai aparece com frequência: orientando, cobrando, definindo, obrigando, aconselhando, servindo de exemplo. Esse dado chamou-me a atenção, pois em minha pesquisa anterior entre trabalhadores não-qualificados, moradores de favela numa área industrial, destacava-se claramente o papel da mãe. Era ela a referência básica daquelas famílias: em parte pela ausência total do pai (por falecimento, abandono ou por nunca ter coabitado com a família), em parte porque eles não participavam muito da vida dos filhos, demonstrando um certo distanciamento, em parte por não estarem em posição de serem tomados como referência, ou por não terem inserção minimamente estável no mercado, não cumprindo o papel de chefe-provedor, ou até por serem alcoólatras.

### **3.5.**

#### **O investimento familiar na escolarização dos filhos**

O interesse deliberado e cotidiano das famílias pela escolarização dos filhos é muito variado. Alguns dos pais ou mães tinham um acompanhamento rigoroso do andamento das atividades escolares dos filhos: a mãe de Robson lembra com detalhes dos temas das “composições” solicitadas pelas professoras e de como

eles foram desenvolvidos pelo filho. Frequentava todas as reuniões de pais, levava e buscava os filhos diariamente à escola, ensinava a fazer o “Para Casa”. Seu Juraci fazia uma escolha criteriosa da escola em que matriculava os filhos em função da qualidade do ensino, acompanhava os cadernos e as reuniões de pais, tinha conversas telefônicas com as professoras, para deixar claro o interesse da família pelas crianças.

*Eu que participava mais, na escola sempre eu participei, até porque eu tinha entusiasmo, vibração né? porque devido eu não ter estudado, eu gostaria de ter estudado, eu tinha muito entusiasmo de eles estarem estudando e estarem indo bem na escola. Eu procurava informar da professora constantemente, por telefone, indo na escola, acompanhava sempre (Sr. Juraci, pai do Walmir).*

Parece que o investimento das famílias se concentrava na garantia do prosseguimento da carreira escolar, em pressionar ou vigiar os filhos para garantir a não-reprovação. A qualidade da formação era assegurada pela matrícula do filho numa escola “apertada”, até porque o nível de escolaridade dos pais e, em especial, da mãe, que estava em casa, não favorecia um maior envolvimento dela na aprendizagem dos filhos. Roberto conta que a mãe, Dona Zizi, não admitia notas vermelhas. Mas, segundo ela, “era tudo por conta deles” pois “nunca coloquei menino pra estudar”. Roberto diz ter sido sempre bom aluno, tido como “caxias”, disputando boas notas. Jamais aceitava um convite para “matar aula” e se orgulhava da boa letra. Mas isso não o impedia de participar das brincadeiras com os meninos da vizinhança:

*(...) tudo que era tipo de brincadeira a gente fazia: era rolimã, papagaio... criança pobre, né? Chutar bola, eu jogava até no time do América que tinha lá, todo lugar que tinha a gente ia jogar bola e na cidade era aventura, aventura de criança, 12 anos, né? (Roberto)*

Ao lado disso, a mãe passava para os filhos uma profunda insatisfação com a situação vivida: o bairro onde moravam, as péssimas condições da casa, a falta de recursos financeiros ocasionada pelo alcoolismo do pai, operário qualificado de uma grande siderúrgica. Isso teve profunda repercussão nos filhos, pressionando-os para conquistar a almejada melhoria de vida. A carreira escolar de Roberto parece ter sido totalmente definida por ele e, muito provavelmente, referenciada no mundo do trabalho que conhecia através do pai, operário: escolheu sozinho matricular-se num curso profissionalizante do SESI, depois numa fundação municipal profissionalizante e, mais tarde, no IT. Segundo a mãe, ela “não tinha cabeça” para esse tipo de preocupação. Já na família de Marilton parece ter havido um

clima de estrita disciplina que, sem dúvida, socializa os filhos para as rotinas escolares:

*Minha família... minha mãe era muito tradicional, italiana, então ela foi muito rigorosa pra tudo, hora pra tudo, você atrapalha, você é que tem que arrumar; bem ordenada, as coisas (Marilton).*

A presença de disposições racionais domésticas, bem como sua repartição entre os cônjuges são fatores de sucesso escolar dos filhos considerados da maior relevância por Bernard Lahire (1997), que as enumera: as condições e disposições econômicas da família, que incluem a moral da perseverança e do esforço; as formas familiares de cultura escrita (calendários, agendas de endereços, listas de compras, arquivos de documentos etc); a ordem moral doméstica e a importância conferida ao acatamento da autoridade dos adultos, à apresentação pessoal, à ordem nos materiais, ao controle dos tempos, dos espaços, das amizades e demais situações de socialização através da presença constante dos pais; as formas de autoridade familiar que podem variar entre a interiorização das regras e a sanção verbal ou física imediata e, finalmente, as formas de investimento pedagógico que englobam todas as demais e incluem a relação dos adultos com sua própria experiência escolar. D. Terezinha, mãe de Olacir, chega a constatar a diferença entre normas e valores da família do marido e aquelas vigentes em sua unidade familiar. Segundo ela, a família do marido, por ser muito “tradicional”, não admitia nenhum desvio de conduta. Qualquer caso de “desvio” de comportamento seria rigorosamente punido, provavelmente com a expulsão daquele elemento da convivência da família. Ela fala do assunto com um misto de admiração e lamento, pelo fato da sua família atual não ter mantido tal postura. Apesar de admirar a relação com as regras na família do marido, D.Terezinha e seu marido não foram capazes de socializar os filhos nos mesmos padrões. Ela lamenta, então, o descaso de alguns dos filhos com a escola, a ausência de respeito com os mais velhos, o descompromisso com horários e com tarefas familiares, a sociabilidade e a sexualidade desregradas.

D.Terezinha explica o modo de vida dos filhos como realização da natureza peculiar de cada um, que também seria mais ou menos susceptível às “influências da rua”. Definido pelas características “de nascença”, pelo “interesse (ou não) da pessoa”, o comportamento dos filhos, segundo ela, parece não ter relação com suas intervenções. Constata que alguns se interessam pelos estudos, são controlados em seus horários e responsabilidades, enquanto outros não.

No pouco espaço da casa a que tive acesso na visita que fiz a D.Terezinha<sup>33</sup>, observa-se uma organização bastante diferente dos padrões racionais modernos: objetos velhos e defeituosos que não puderam ser repostos encontram-se amontoados, coisas e roupas espalhadas. D.Terezinha mantém algumas características da organização de um “quintal da roça”, a despeito das críticas dos filhos, como a criação de alguns animais, galinhas e patos que, segundo ela, não são para comer, mas “para ter o barulho de bicho por perto”. O marido era motorista de ônibus: ainda que sujeito a horários definidos, o motorista goza de certa autonomia, ficando menos submetido a um estrito controle externo ao longo de sua jornada de trabalho. O tipo de inserção dos filhos no mercado de trabalho também reforça tal ordenação: apenas um deles, Olacir, trabalha no setor industrial. Os demais são: duas empregadas domésticas que trabalham em famílias pobres da vizinhança, um ex-ajudante de padeiro numa padaria precariamente organizada no próprio bairro, um empregado numa farmácia do bairro, um coletor de lixo. Estudaram em escolas públicas do próprio bairro consideradas “fracas e desorganizadas”.

D.Terezinha sonha com a inserção dos filhos numa lógica racional, mas parece não possuir, ela mesma, esse tipo de *habitus*.<sup>34</sup> Espera que os filhos o adquiram por si mesmos e lamenta, entristecida, que tal não ocorra. Não se sente responsável por isso e acredita que pode apenas esperar.

Dentre as famílias de classe popular, a do sr. Juraci parece ser a única que sempre colocou com clareza o alcance do curso superior como projeto para os filhos.

---

<sup>33</sup> Ela recebeu-me num quatinho no quintal à frente da casa e independente desta, de cerca de 2,0 x 2,0 metros, onde havia uma máquina de costura coberta por uma colcha e dois tamboretos. O cômodo era rebocado apenas por dentro, sem pintura e tinha piso de cerâmica. Havia sido lavado há poucos minutos e pareceu-me ser o quarto de um dos rapazes, provavelmente do Olacir, de onde talvez tenha sido retirada a cama e outros objetos considerados menos apresentáveis com o fim de me receber ali, afastando-me do interior da casa.

<sup>34</sup> Segundo Pierre Bourdieu, o *habitus* é “um sistema de disposições duráveis” (1983:60), produto de toda a experiência biográfica e que define estilos de vida particulares e remete aos “mecanismos pelos quais as experiências, produzidas primariamente pelas condições materiais de existência, transformam-se em ‘estruturas estruturantes’, ‘esquemas de percepção, apreciação e ação adquiridos pela prática e colocados em obra no estado prático’ (Bourdieu *apud* Guedes, 1997:162). Guedes ainda destaca o fato de que o conceito de *habitus* coloca em foco os mecanismos de internalização e naturalização de determinados significados que, para Bourdieu, são consequência direta das condições sociais de existência. Zaia Brandão se refere a esse conceito como “práticas sociais que interferem permanentemente na formação das disposições duráveis para agir, pensar, sentir e valorar de uma determinada maneira no mundo social”. Segundo essa autora, seria totalmente procedente considerar os *habitus* como hábitos (2000:39).

*Mas eu pensava, sim, eu já pensava, eu particularmente pensava muito que eles fossem até a faculdade, e inclusive era uma vontade minha também de estudar só que eu não tinha condição devido tá criando uma família nada pequena né? (Sr. Juraci, pai do Walmir)*

*A gente via que ia chegar um dia que precisava mesmo, né? Era quase necessário E a gente tinha vontade também e tinha esse sonho também. Não assim orgulho, né? Não. É um sonho, mesmo, deles...fazerem uma faculdade (Dona Edmara, mãe do Walmir).*

Mas há outra situação, que parece ser a da maioria das famílias investigadas, em que os pais limitavam-se a falar sobre a importância dos estudos para um futuro melhor. A escolarização a nível superior não se colocava como projeto previamente estruturado.

*Meu pai sempre procurou mostrar pros meus irmãos e pra mim também a importância da educação pro ser humano. Ele nunca teve condição de estudar, sempre trabalhou na roça, mas quando ele veio pra cá ele deu muita importância ao estudo e um dos motivos de ele não conseguir um serviço foi não ter grau de instrução. Então ele sempre procurou mostrar pra nós que o que vai edificar o homem é a educação (Fernando).*

Entretanto, os efeitos de uma tal “pedagogia da palavra” parecem ter sido limitados nesse caso, pois Fernando também declara:

*Eu não era estudioso, não. Tomei 3 bombas. No 2º ano, na 6ª, Matemática, Expressão... [a outra reprovação foi no 2º ano do Instituto Tecnológico, no ano em que ele se casou e o pai dele faleceu] Só mudei depois do casamento! (Fernando).*

Maria José Vianna (1999) aponta diversas pesquisas em que projetos prévios de escolarização superior não são encontrados, mesmo em famílias em que os filhos atingiram esse nível escolar. Essas pesquisas constataam que há uma construção progressiva de práticas, sentidos e disposições que vai se fazendo em diálogo com as condições vividas a cada etapa do ciclo familiar, incluindo-se aí as experiências socializadoras adquiridas em outros universos além do familiar, como os que apontamos acima, donde se concluiria sobre o caráter imprevisível dessa construção. Podemos aventar alguns fatores determinantes dessa postura, como a inexistência de experiência, na família ou na vizinhança, de pessoas formadas em cursos superiores e que fizessem circular pelo grupo as trajetórias a percorrer e os possíveis ganhos da realização de um tal projeto. O depoimento de Walmir mostra, pela situação inversa, a importância do contato com esse tipo de experiência:

*Sempre quis fazer uma faculdade. Achava a figura da pessoa com curso superior aquela coisa muito forte. Hoje tá muito normal isso, graças a Deus. Mas no meu meio antigamente, no meio metalúrgico em geral, era muito difícil alguém que fi-*

*zesse. Eu tinha o maior respeito por quem tinha feito curso superior. Na minha família, tinha o meu tio, meu padrinho fez. Foi o primeiro da família toda, o único no meio de umas oitenta pessoas. Mas eu acho assim: pôxa, deve ser bom saber de um assunto assim com profundidade, mas eu sempre quis fazer. E depois na empresa, você vê que as pessoas mais importantes são aquelas que têm curso superior. Então, as pessoas bem preparadas geralmente têm curso superior. Aí você vai captando, captando (Walmir).*

Há menor força no projeto de permanência na escola se as experiências externas da família não envolvem contatos diretos com pessoas de formação superior, através do trabalho, das práticas religiosas, da vizinhança ou quaisquer outras. As atividades de várias famílias não incluíam tais contatos cotidianos, como pais motoristas de ônibus, vendedores de lojas, morando em vilas ou bairros pobres da periferia. Já aqueles que trabalhavam em empresas médias ou grandes percebiam o diferencial de quem faz curso superior. Como afirma Charlot, parece que *é a força de uma demanda inscrita na rede de relações familiares, mais do que a ajuda técnica dada pelos pais, que sustenta a mobilização dos jovens com relação à escola (1996:57)*. Daí relativizarmos o fator “superinvestimento escolar familiar” defendido por Laurens.<sup>35</sup>

### **3.6. Dinâmica familiar e sujeito individual**

Com variações no estilo de organização do espaço e cotidiano doméstico, na maioria das famílias parece então não ter havido grande controle da escolaridade. Algumas ameaçavam com castigos e punições para o caso de perda de média ou reprovação. Outras se limitavam a lamentar que uns filhos se interessavam por estudos e outros não. Na maioria dos casos, não havia um controle cotidiano da realização das tarefas escolares, (“superinvestimento escolar familiar”), encontrados apenas nas famílias de Walmir e Marilton.

*Na minha época de estudar era aquela coisa de eu mesmo chegar... se eu não chegasse e pegasse minhas coisas e fosse estudar e me virasse com alguma coisa que eu não soubesse, às vezes ficava até sem fazer... Primeiro porque a minha mãe não teve muito estudo ela teve é só o primário, não trabalhou fora e não tinha aquela condição que eu tenho hoje orientar as meninas, de acompanhar. Eu percebo muita falha, apesar de que teve muita coisa boa, mas assim muita falha para comigo que eu procuro corrigir quando eu estou ensinando as meninas, não só nos deveres mas para a vida, não é? Coisas muito simples, até a questão de higiene, não é? Ti-*

---

<sup>35</sup> “Superinvestimento familiar” se refere a uma modalidade de mobilização escolar familiar caracterizada por um conjunto de atitudes cotidianas intencionalmente construídas com o objetivo de garantir o sucesso da carreira escolar dos filhos. Essas atitudes seriam: ajuda cotidiana, acompanhamento, presença na escola, escolarização como prioridade na gestão do cotidiano familiar, forte desejo de sucesso e projetos de longo prazo.

*po assim, a minha mãe nunca falou assim comigo “vai lá escovar dente”, entendeu? (Solange)*

*Ninguém nunca me cobrou também não, meu pai não me cobrava nota nem olhava meu boletim, ele só queria no final do ano falar: - passou, não passou e tal (Edgard).*

*O controle maior era próprio meu, mesmo. Não tinha assim um controle ou cobrança direta da família, não (Welber).*

Apesar disso, Welber sempre foi bom aluno, “cumpridor dos deveres”, não faltava a nenhuma aula, nunca foi repreendido nem tomou bomba. Não chegava a ser o melhor aluno, mas era aplicado. Olacir, também sem nenhuma pressão familiar, “passou a vida toda com os livros na frente do nariz”, segundo a mãe. A tal ponto que os funcionários do Instituto Tecnológico, onde ele era bolsista durante o dia e aluno à noite, aconselharam-no a largar um pouco os livros. Por essa época Olacir teve um forte problema de úlcera, ficando acamado por mais de um ano e trancou a matrícula no IT. Foi também o período de sua vida que, adolescente, queria sair com amigos, mas não conseguia se relacionar, devido à sua extrema timidez.

*Eu era deprimido, não sabia relacionar com as pessoas, tinha medo das pessoas na verdade porque eu achava que todas elas eram más e que se eu me aproximasse delas, o máximo que eles iriam fazer comigo era me prejudicar, e durante muito tempo eu passei doente também, né? Na época eu era jovem, né? (risos) quer dizer, eu era mais jovem, então eu queria namorar também, apesar de não conseguir ser como os demais... Algumas coisas que eles faziam, eu queria fazer também, eu queria namorar eu queria sair, queria... só que frustração em cima de frustração (Olacir).*

Esses dados permitem levantar a hipótese de que características individuais são fatores que merecem consideração ao se analisar o desempenho escolar de crianças e jovens. Tanto no caso de Olacir, como no de Roberto, Walmir, Luiza, Solange e Welber, encontrei pessoas que se queixam muito de timidez, desde a infância.

*Sobre timidez, eu acho que eu já fui pior. Acho que eu tô melhor, mas na verdade eu era bastante gago quando eu era criança. Isso me deixou bastante tímido na minha infância e adolescência, entendeu? Eu tinha vários traumas, acho que meus pais não perceberam isso, não trataram disso não (Walmir).*

Sem deixar de ter em conta o peso dos fatores sociais na constituição dos traços de personalidade, acredito que é procedente e necessário levar também em conta os aspectos individuais, ainda que o foco desse trabalho seja as questões culturais. Entretanto, ao falamos dos fenômenos de reinterpretação e ressignifica-

ção, colocamos em cena também o ator individual e sua leitura pessoal e única de seu campo de possibilidades. Nas suas escolhas, fatores emocionais e tendências de personalidade também orientam as práticas e representações desses sujeitos. O esforço para incorporar a perspectiva do sujeito individual como um dos fatores definidores das questões estudadas pelas Ciências Humanas e Sociais não é recente nem isolado, mas não deixa, por isso, de poder ser considerado ainda incipiente, mesmo que a tensão indivíduo  $\times$  sociedade seja constitutiva das Ciências Sociais. Problemas de diversas ordens interferem nessa dificuldade: desde as disputas entre campos de conhecimentos que dificultam o diálogo entre eles,<sup>36</sup> até a quase impossibilidade de um único pesquisador ser capaz de acumular uma erudição tal que lhe permita transitar pelos inúmeros aspectos que participam na construção dos fenômenos humanos: econômicos, históricos, culturais, psicológicos, biológicos, políticos, institucionais etc.

Com relação ao tema específico com o qual me deparo aqui, a presença de fatores individuais na determinação das escolhas dos agentes e sua repercussão nas trajetórias individuais, familiares e sociais, podemos apontar no Brasil, os esforços de Gilberto Velho, que, desde os estudos sobre *desvio* apoiados em Goffman e Becker, problematiza a tensão entre indivíduo e sociedade. Segundo esse autor, a Antropologia pode favorecer tais análises porque

*(...) está permanentemente em contato com indivíduos concretos, carregados de densidade existencial, que não podem ser transformados com facilidade em alfas e betas (embora haja quem o consiga). São verdadeiros personagens que marcam o trabalho do antropólogo (...) Em vez de apagar esta dimensão "psicológica", tarefa realmente impossível, resta aprender a explicitá-la e integrá-la com toda a investigação. (...) [considerando] relevantes para o seu trabalho características 'essencialmente individuais' das pessoas com quem está convivendo (1985:26).*

Também Elizabeth Both afirma a importância, para sua pesquisa sobre famílias e redes sociais, de ter assumido conceitos psicológicos simultaneamente com conceitos sociológicos para possibilitar a incorporação, nas análises, de dados como, por exemplo, as preferências dos membros da família e suas necessidades pessoais em relação às tarefas a serem desempenhadas (Both, 1976). Segundo Both, se fatores econômicos, geográficos e sociais eram importantes nos dados que levantou em sua pesquisa, os efeitos da personalidade, porém, não podiam ser

---

<sup>36</sup> A própria história das Ciências Sociais, estando profundamente marcada por uma necessidade de delimitação de terreno e de posições entre diferentes abordagens de investigação dos mesmos fenômenos, como as oriundas da Psicologia.

ignorados, uma vez que se mostravam capazes de definir não só o desempenho dos papéis familiares, como a própria definição dos papéis.

Ao destacar a questão da importância do *significado* conferido pelo sujeito à experiência escolar e aos estudos, também Bernard Charlot chama a atenção para o fato de que a relação do sujeito com o ambiente é isso, *relação*, e não mera causalidade (1996:49). Para pensar em termos de “relação”, Charlot acredita ser necessário incorporar a noção de mobilização do sujeito, de desejo na dialética entre interioridade e exterioridade: as relações que o sujeito estabelece com o mundo, com os outros e consigo mesmo e não cair na armadilha da categorização, de forma a obnubilar as interpretações que cada sujeito produz. Nos depoimentos dos técnicos destacaram-se efeitos da personalidade articulados a significados conferidos a experiências sociais, como notamos nos trechos seguintes, onde a característica da personalidade da timidez aparece associada ao significado conferido aos estudos:

*Eu toda a vida fui muito tímida sabe, toda a vida eu fui muito quietinha, era aquela pessoa muito estudiosa e muito caladinha muito quietinha, então eu às vezes não me entrosava muito assim com as turminhas. Na hora da bagunça eu estava fora’. Toda a vida eu fui estudiosa, mas, assim sabe, de enfiar a cabeça mesmo nos estudos. Na época era cem por cento, né? Era cem o ano inteiro (Solange).*

*Eu sempre fui uma adolescente normal, mas muito tímida, não saindo muito, mas normal. Estudando, sempre. Minha base sempre foi estudo (Luiza).*

Esses depoimentos sugerem uma associação entre dificuldades de entrosamento com os colegas e investimento nos estudos. Buscando construir uma identidade positiva, sabemos que os atores investem em sinais, domínios e práticas que lhes permitam uma auto-imagem e uma identidade social positivas. No caso de Olacir e de Welber, arrisco-me a associar ainda seu físico franzino e sua provável pouca disponibilidade para as brincadeiras físicas, muitas vezes violentas ou arriscadas dos meninos, e o fato desses dois se voltarem para os estudos, construindo, no âmbito do desempenho escolar, sua auto-imagem. Características individuais, ainda que diversas, também parecem estar presentes em Robson e Luiza que percebiam a escola como um espaço de realização e viam nos professores verdadeiros guias pela “aventura do conhecimento” (ainda que sejam perfeitamente capazes de uma visão crítica, tanto da escola, como dos diferentes tipos de professores conhecidos).

A separação dos pais também foi fator importante na vida de Solange e, segundo ela, isso repercutiu em seus estudos:

*...na época, quando falava assim que o casal era separado, não é, era feio, era ruim, nenhum dos dois não prestava. Eu tinha até vergonha de falar que meu pai era separado da minha mãe e tal. Mas acho que isso também me ajudou assim a sempre procurar ser direita, ser correta sabe? Ser estudiosa, não é? Procurar ser alguém porque eu não tinha um pai e uma mãe para estar me dando apoio o tempo todo (Solange).*

Como já era tímida, acabou de fechar-se. Ainda hoje sente-se como “a diferente” no meio da família, ainda que muito integrada com os irmãos: sempre foi mais calada, quando todos falam muito; era a única que gostava de Matemática e a estudava com afinco. Roberto também declara conferir proeminência a suas habilidades escolares frente a outras. Embora gostasse muito de bola e até jogasse no infantil do América, investia muito na construção de uma imagem de bom aluno. Suspeito que um possível fator tenha colaborado na construção dessa atitude: a concorrência entre os irmãos pela atenção da mãe. Cotejando entrevistas de pais e filhos, percebe-se que podem ocorrer expectativas maiores dos pais em relação a algum (uns) dos filhos. Isso pode repercutir em alguns momentos de forma “positiva”<sup>37</sup> sobre os demais filhos: parece que se desencadeia um mecanismo de competição, como se eles pensassem: “Se outro é o preferido, vou me destacar nos estudos para também ser valorizado”.

Pudemos identificar diversas situações em que estudos e sociabilidade são concorrentes na época da adolescência: de um lado, esses sujeitos já se encontravam um pouco afastados de outros rapazes e moças, por sua característica mais introspectiva, sua dita “timidez”. Roberto conta, por exemplo, que não participou de muitos “ritos de iniciação” dos adolescentes da vizinhança, como fumar, “fugir” para o centro da cidade e “matar” aula. Luiza não saía muito, Olacir vivia bastante isolado, Solange e Walmir quase não tinham amigos. De outro lado, por investirem na escola, separam-se, nas classes escolares, dos vizinhos que já foram reprovados, o que reforça seu distanciamento dos pares. Além disso, uma vez aprovados no IT, iniciam uma vida de ocupação integral do tempo pelos estudos, sem praticamente nenhuma disponibilidade para a sociabilidade na vizinhança ou em outros espaços sociais. Também no período em que freqüentavam o Instituto

---

<sup>37</sup> “Positiva” aqui no sentido de impulsionadora de uma ação afirmativa.

era bastante limitada, por total falta de tempo livre, a construção de relações de sociabilidade.

### 3.7.

#### O papel do trabalho na socialização familiar

Vimos a partir do Quadro 4 (p.63), que a idade de ingresso dos técnicos no mercado de trabalho varia muito. Há famílias para as quais uma complementação da renda seria muito bem-vinda, mas que, mesmo assim, mantêm os filhos afastados do trabalho o máximo que podem (como no caso de Walmir). Há famílias em que os filhos trabalharam desde crianças (8, 9 anos de idade), especialmente como pequenos vendedores ambulantes de picolé, de laranja, de *chup-chup*,<sup>38</sup> etc. tendo todos os pais e mães entrevistados reforçado explicitamente a importância de manterem as crianças na escola. Temos famílias em que os filhos só ingressaram no mercado após o curso técnico e uma única família em que os filhos só vão ao mercado após a conclusão do curso superior. Há, obviamente, uma distinção relacionada aos níveis de rendimentos das famílias, mas isso não é só. Famílias com rendimentos semelhantes fazem diferentes opções quanto ao ingresso dos filhos no mercado, obedecendo a diferentes valores e visões de mundo. *Seu Juraci* e *D.Edmara* fazem questão de liberar os filhos do trabalho, mesmo com muito sacrifício, até a conclusão do ensino fundamental, enquanto outras famílias procuram qualquer oportunidade de inserção dos filhos, considerando-a importante não só economicamente mas como processo educativo tão ou mais importantes do que a escola.

Vemos também que entre as duas famílias de professores universitários, há diferentes posturas: ainda que ambas se refiram com orgulho ao diploma de técnico dos filhos, ao seu estágio no mercado e à maneira como enfrentaram todos os desafios ali, em uma delas, a filha, Isadora, prossegue os estudos na universidade sustentada pelos pais, e na outra, o filho, Marcelo, ingressa no mercado após o estágio e aí permanece, só retomando os estudos em nível superior 12 anos depois. Marcelo declara não ter sido cobrado pela mãe, em nenhum momento, quanto ao prosseguimento dos estudos. Como ele tinha um irmão considerado “desajustado”, o fato de ele estar trabalhando e assumir responsabilidades parece que satisfazia à

---

<sup>38</sup> Suco artificial congelado em saquinhos de plástico.

família. Interessa-nos rastrear essas lógicas e as práticas construídas a partir delas, tentando compreender os valores que as fundamentam.

D.Terezinha destaca os dois filhos que tiveram a oportunidade de conviver com ambientes pautados por normas diferentes daquelas que orientam o cotidiano da família: Olacir e um irmão, que conseguiram vagas no Programa Bom-Menino, segundo D.Terezinha, um programa do governo federal da época, em torno de 1992 e que inseria menores entre 15 e 18 anos em atividades como *office-boy*.

O desejo de muitos pais no período do ciclo de vida em que os filhos são crianças e adolescentes é o de inseri-los nas regras. Vimos que eles lamentam muito quando constatarem que isso não ocorreu mesmo que nem sempre as famílias dominem tais regras ou consigam traduzi-las na forma de uma pedagogia cotidiana eficaz. Valorizam-nas, mas parecem não dispor de um instrumental, o *ethos* próprio para socializar os filhos nos padrões valorizados, porém não adquiridos. O trabalho<sup>39</sup> se destaca então como princípio educativo que, além de inserir nas regras, incute valores altamente significativos para essas parcelas da população, tais como autocontrole, capacidade de enfrentar dificuldades que conferem *têmpera* à personalidade (persistência e força de vontade frente às dificuldades). Além disso, através do mundo do trabalho as crianças e jovens ampliam seus projetos, vislumbram possibilidades concretas e acessam grupos que detêm o conhecimento das regras dominantes. O trabalho aparece no discurso de D.Terezinha como de resto, na cultura popular, amplamente relatada na literatura, como mais do que complemento financeiro, como controle moral. Mas as trajetórias dos técnicos investigados, bem como de outros trabalhadores nos permitem perceber que a ampliação de projetos via inserção no mundo do trabalho, o acesso a códigos dominantes, a inserção nas modernas “disciplinas” e o desenvolvimento da “*têmpera*” podem ser muito mais do que mero controle moral, mais do que mera reprodução de mão-de-obra para o sistema. É comum as famílias trabalhadoras procurarem inserir os filhos no mercado de trabalho. A fronteira dos 15 anos, detectada por nós em pesquisa num grupo de famílias moradoras de uma favela na Cidade Industrial (Coeelho, 1992), surge aqui novamente e encontra ressonância em programas de inserção de menores no mercado como o Bom Menino (mencionado por D.Terezinha)

---

<sup>39</sup> Trabalho, aqui, segundo a representação nativa que significa as relações construídas através da colocação no mercado de trabalho, incluindo aí o conjunto de práticas, saberes e valores implicados direta ou indiretamente.

e a ASPROM.<sup>40</sup> Quem já não estava inserido em algum tipo de atividade remunerada, precisa fazê-lo ao atingir a fronteira dos 15 anos e, note-se, agora, numa situação de “emprego” — com chefia, horários, etc. A pedagogia de algumas famílias esforça-se por articular trabalho e estudos, entendendo-os a ambos como fundamentais para a formação dos filhos.

**Robson:** *Eu comecei a trabalhar com 15 anos, de office boy, na ASPROM. Trabalhei lá 4 anos. Trabalhei na Federação das Indústrias...*

**Mãe:** *Eu ouvi na Itatiaia, mas precisava de uma carta de apresentação, de alguém, de um deputado, entendeu? Aí um vizinho conseguiu uma carta do deputado pra ASPROM. Mas foi assim: dependia dele, porque ele passou ‘ni’ tudo...A gente morava lá na Vila Goiânia, não tinha escola. Então desde pequenininho, desde o jardim eu ia levar, ia buscar... Quando nós mudamos pra aqui, aqui não tinha escola, eu continuei levando pra cidade. Mas quando começou a trabalhar, a aula começava às 6 da tarde, e ele só podia às 7. Aí que ele passou pro bairro Z.*

**Robson:** *É, e foi sempre trabalhando e estudando, desde a 8ª série, com 15 anos, levava marmita, uma luta, né? Saía de manhã cedinho, chegava 11 e meia, por aí...*

Dauster e Lutgarda (1992) exploraram esse aspecto da socialização de crianças de camadas populares, retomando a oposição entre a “casa” e a “rua” na cultura desses grupos. Ressalte-se que aí a “rua” é compreendida como espaço onde os filhos ficam soltos, sem nenhum controle. Está excluído dessa noção de “rua” o mundo do trabalho.<sup>41</sup> As autoras ressaltam a presença de uma dimensão formativa no significado conferido pelas crianças ao trabalho. Em depoimentos por elas recolhidos, as crianças afirmam que trabalham “porque sou curioso e gosto de aprender”; “para me desenvolver mais”; “o trabalho me ajuda a entender melhor as questões da escola”; “o trabalho é bom para aprender uma profissão” (Dauster e Lutgarda, 1992:19). As autoras alertam para a necessidade de percebermos em que medida, e em que situações, o trabalho é educativo, pois certamente ele não o é em quaisquer circunstâncias, assim como não é necessária e exclusivamente negatividade. Com essas autoras assumimos “uma concepção não-reificadora do trabalho, na qual os interesses pecuniários constituem apenas um dos ângulos da questão” (1992:22). Também evitamos a reificação de considerar o trabalho infanto-juvenil como negativo, *a priori*. Segundo inúmeras famílias, *um trabalho digno que não seja incompatível com a escola amplia as experiências sociais e é fundamental no processo de socialização de seus filhos.* Isso nos faz pensar em termos de centros juvenis ou currículos escolares que

<sup>40</sup> Associação Pró-Menor, ligada aos religiosos salesianos.

<sup>41</sup> No discurso acadêmico, a oposição entre “casa” e “rua” tem outra conotação, qual seja a de opor o mundo privado (da casa) ao mundo público (da rua), como em Da Matta (1985).

pensar em termos de centros juvenis ou currículos escolares que oferecessem atividades profissionalizantes e contato analítico com o mundo do trabalho, em tempo parcial e aliado a oportunidades de reflexão e expressão sobre as experiências aí vividas. Na ausência total de tais espaços, ainda é o mundo do trabalho, com todas as suas limitações e constrangimentos, em termos de formação da juventude, o único que cumpre esse papel.

Mas o trabalho também atua de maneira indireta, penetrando o *habitus* familiar, se compararmos a organização do tempo-espaço na família de D.Terezinha com a família atual de Fernando, por exemplo, vemos dois casais onde só o marido trabalha e onde existem limitações financeiras. Entretanto, observa-se na família de Fernando uma ordem muito diferente da família de D. Terezinha, descrita anteriormente. Fernando trabalha em indústrias desde 16 anos, tendo feito o antigo ginásio no SESI, concomitante a um curso de aprendizagem industrial no SENAI, uma escola com organização rigidamente industrial. Atualmente trabalha no setor de controle de qualidade de uma indústria de médio porte. Leva para casa o senso de organização da indústria: classificar, organizar, distribuir objetos racionalmente pelo espaço, manter a limpeza. Situação idêntica é observada na casa de D.Edmara, cujo marido, *seu* Juraci, sempre trabalhou na indústria: horários, controle, regras, organização, rigor. A ordem impera mesmo num espaço construído de forma pouco planejada em função das limitadas disponibilidades financeiras de cada etapa do ciclo de vida da família, mas há outras variáveis construindo/desconstruindo os *habitus* familiares. Dona Edmara ressalta que, “naquele tempo” era mais fácil criar os filhos:

*As propagandas de televisão não eram tão assim tão chamativas. Hoje tudo ‘eu quero isso, eu quero aquilo’. E agora hoje você tem que liberar os filhos para eles fazerem o que eles querem porque se não eles revoltam! Porque hoje tem assim, é... muito incentivo também de fora. Muitos falam assim: ‘ - Ah, é porque a sua mãe é quadradona! Nossa, não pode ser assim!’ E antes não, antes era mais fácil, nesse ponto era mais fácil, eles obedeciam mais. Então eu acho hoje diferente, nossa mãe, muito mais difícil para você conseguir conter um filho... (Dona Edmara).*

Bertaux e Bertaux-Wiame relatam dificuldades semelhantes da juventude urbana francesa de assimilar uma ideologia do trabalho em função do apelo ao consumo, da vivência de outras instâncias consideradas mais significativas pelos

jovens e pela presença de uma cultura hedonista “que corroem a relevância subjetiva e o significado valorativo da esfera do trabalho” (*apud* Colbari, 1995:240). Acreditamos, porém, que tal problemática, introduzida em grande parte pela mídias, impacta diferentemente os vários segmentos das classes trabalhadoras, em função dos tipos de perspectivas que se lhes apresentam e do papel do mundo do trabalho nas mesmas.<sup>42</sup> Vemos que se *seu* Juraci e D.Edmara escolhem manter os filhos livres do trabalho para se dedicarem inteiramente aos estudos até o final do segundo grau, e se sacrificam fortemente para tal, nem por isso a ética do trabalho deixa de estar presente todo o tempo na família. Todo o discurso e as práticas são para se prepararem para o mercado em melhores condições, já com uma profissão, adquirida no IT, a grande meta do pai. Além do discurso, as práticas familiares são perpassadas pelos valores da racionalidade moderna, ali introduzidos principalmente pelo mundo do trabalho, mediado pelo pai.

Uma experiência diferente e interessante é a de Antenor, criado numa casa que ficava aos fundos da oficina mecânica do avô e do pai, numa pequena cidade do interior, bem distante da capital. O trabalho sempre foi um aspecto do cotidiano revestido de *ethos* masculino, chave para trânsito no admirado mundo dos homens adultos. A oficina era lugar de bagunças e brincadeiras, quando bem novo. Um pouco mais tarde, ainda criança, adorava ajudar o pai, lavando as peças dos automóveis, até que assume um horário fixo ali, diferente do horário escolar. Aprende com o pai a soldar, a usar a furadeira, algumas noções de trabalho com o torno, até os 15 anos, quando se muda para a capital, em 1975, para estudar no Instituto Tecnológico. *Eu acho que tá no sangue... meu pai, meu avô... (Antenor)*.

Outra é a situação de Isadora, Marcelo e Danilo, provenientes de famílias de setores médios em que o trabalho parece mais afastado dos discursos e das relações cotidianas familiares. Suas condições de vida, acima da média do grupo, permitiam às famílias um distanciamento das pressões imediatas por rendimento, bem como de projeções acerca de constrangimentos futuros que inserissem a temática do trabalho em seu cotidiano. As estratégias de ocupação do tempo “ocioso” dos filhos passavam por outros espaços que não o trabalho: clubes e esportes,

---

<sup>42</sup> Veremos, no Capítulo 4, toda uma literatura que, como nós, analisa segmentos de jovens trabalhadores que valorizam, sim, o trabalho.

cursos complementares, viagens de lazer. O trabalho dos pais era acompanhado como atividade que, além de rendimentos, promovia realização pessoal e conferia *status* (petroleiro, professores universitários, psicóloga) em contextos de muito menor pressão do que aqueles vividos pelos outros pais de técnicos, trabalhadores em posições mais subalternas.

Ética do trabalho e ética do provedor se articulam de formas próprias a diferentes experiências sociais. Guedes, Castañeda e Lima apontam para diferentes formas de compreender a articulação dessas duas fontes de valores. Na pesquisa de Zaluar (1985), realizada junto a jovens da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro na década de 80, o tipo de inserção dos trabalhadores pesquisados no mercado de trabalho (número excessivo de horas trabalhadas, baixíssima remuneração e relações de trabalho autoritárias) faz com que o trabalho perca o sentido como valor moral, como atividade em si. Estando a carreira de “bandido” muito presente em seu contexto, é a ética do provedor que confere legitimidade ao trabalhador e o diferencia positivamente dos bandidos. Representações semelhantes foram encontradas por Dayrell (2001) entre jovens *office-boys*, ajudantes de serralheiros e desempregados, filhos de trabalhadores igualmente precarizados. Nessa perspectiva, ética do trabalho e ética do provedor se articulam sob a preeminência da segunda, que é, ainda, o que possibilita a atualização da ética do trabalho para alguns grupos, uma vez que essa esfera viabiliza, apesar de toda a sua precariedade e ilegitimidade, a realização da ética do provedor.

Sarti (1996) relata ter encontrado identidade entre ética do trabalho e ética do provedor. Pesquisando grupos subalternos, ela destaca a família como universo moral (muito além de mera “unidade de sobrevivência”), com o homem ocupando o lugar da mediação com o mundo público e garantindo a respeitabilidade do grupo frente ao mundo exterior. Ao lado da família, o trabalho aparece como valor moral, como dignificante, conferindo orgulho de si. Segundo essa autora, essa positividade do trabalho se relaciona, sim, com a possibilidade de realização do modelo de chefe-provedor, mas vai além, articulando-se também com o orgulho de deter conhecimentos e ter uma profissão, além do orgulho de se demonstrar

socialmente que se tem saúde e disposição para o trabalho. O trabalho também insere o sujeito numa rede de relações concebidas hierarquicamente<sup>43</sup> em que cada parte tem obrigações a cumprir, num acordo fundado na reciprocidade.

A maioria das famílias dos técnicos que investigamos aproximam-se do modelo descrito por Sarti, com o trabalho sendo visto como valor em si, sempre articulado com o valor família. Dado o tipo de inserção que possuem esses pais no mercado de trabalho, o trabalho aparece como espaço através do qual conquista-se respeitabilidade e são garantidas as condições básicas de vida, pois mesmo nas famílias mais pobres há uma relativa estabilidade no emprego, além deles ocuparem posições acima dos patamares mais inferiores, conferindo-lhes um mínimo *status* — trabalhadores semi-especializados e até especializados nas valorizadas grandes empresas, trabalhadores no comércio e taxistas que trabalham “limpos” e em “bons ambientes”, sem ruído e sujeira, funcionários públicos, motoristas de ônibus, etc. Além disso, essas famílias vislumbram a realização do projeto de melhoria de vida através do trabalho, principalmente se for possível articulá-lo com a escolarização e com a qualificação profissional. A geração dos pais conseguiu a casa própria — ainda que situada em vilas —, e foi capaz de colocar algum (ns) dos filhos em cursos profissionalizantes. Há, portanto, sonhos realizáveis no horizonte dos filhos: todos eles passam pelo trabalho.

Sarti acredita que esses sonhos são diferentes de sonhos de ascensão, consumo e riqueza, que não são parte das referências simbólicas dos trabalhadores. Para ela, “o projeto de ascensão, quando concebido nos termos individualistas da razão prática, faz romper as fronteiras do próprio mundo dos pobres, não pelo

---

<sup>43</sup> Estamos utilizando aqui a noção de hierarquia tal como em Dumont (1992). Segundo ele, identificamos dois modelos básicos de lógicas culturais no mundo de hoje. O modelo holista ou hierárquico (tradicional) e o modelo individualista (moderno). O modelo hierárquico difere da lógica distintiva linear, da tradição aristotélica, pois substitui a oposição dual das categorias de compreensão do mundo por uma “lógica hierárquica”, que articula um todo ou um conjunto e os elementos desse todo. Os diversos elementos de um conjunto só são apreensíveis por referência ao conjunto a que pertencem e ainda às relações que estabelecem simultaneamente entre si e com o conjunto. A teoria da hierarquia identifica ainda uma distinção entre os níveis, hierárquica, ou seja, um nível superior, englobante, onde há unidade, e um nível inferior, onde há distinção, no sentido de complementaridade ou reciprocidade. As relações entre os elementos e o todo podem ainda operar através de “inversões hierárquicas”: “o que num nível superior é o superior pode ser inferior num nível inferior” (Duarte, 1986:42), tudo ocorrendo em função da complementaridade entre opostos, lei básica do holismo: “O todo se funda na coexistência hierárquica e necessária dos dois opostos (Dumont, 1992:96).

ganho mais elevado, mas porque rompe a cadeia de obrigações entre os iguais, configurando não um projeto de *melhoria de vida*, mas um projeto de *subir na vida*” (1996:71).

Podemos constatar que motivos diversos fizeram com que essas crianças/adolescentes incorporassem um *ethos* que lhes facilitava o trânsito no mundo da escola e o posterior sucesso na conquista de uma vaga no IT: por vezes, um estilo rigoroso de controle na educação familiar, na maioria das vezes oriundo das dinâmicas do mundo do trabalho; por vezes um estilo pessoal caracterizado por grande interesse ou dedicação aos estudos, às vezes nato, às vezes construído mediante dinâmicas familiares - busca de reconhecimento, às vezes construído nas dinâmicas dos grupos de pares - a falta de habilidades para ser admitido como membro das *corner's gangs* levando a outra forma de construção de auto-imagem; por vezes um disciplinamento através de relações no trabalho ou em algumas escolas mais rigorosas, cuidadosamente escolhidas pelos pais. Em muitos casos, a construção de projetos de futuro na família ou nas experiências de trabalho nos quais a escolarização é francamente importante. Em outros casos (Danilo, Isadora e Marcelo), parece ter bastado o capital cultural das famílias para inserir o filho, de maneira bastante “natural”, num ambiente em que estudo e escola são pontos pacíficos. Essas famílias dominam as regras aí vigentes e nelas inserem seus filhos sem maior esforço. Além disso, o fato deles terem estudado em escolas particulares favorece a aquisição de uma base conceitual mínima necessária, sem maiores esforços por parte dos filhos.

Concordamos então com Lahire que, ao questionar a noção, defendida por Laurens, de que as práticas de superinvestimento escolar pelas famílias seriam o principal fator definidor de carreiras escolares de sucesso nos meios populares, afirma que tal prática tem importância como *um dos* modelos de sucesso, não devendo ser compreendida como “a chave geral de acesso ao ”êxito” (Lahire, 1997:28). A noção, trabalhada por Lahire, de *configuração social* é de grande interesse e se aproxima bem da idéia de *campo de possibilidades* ao designar os indivíduos como seres sociais inseridos em redes de interdependência, e, com isso, possuindo capitais ou recursos ligados a esses lugares, bem como à uma socialização anterior no seio de outras configurações sociais. Pudemos perceber nas

experiências familiares dos técnicos a importância de tais circunstâncias, que apontam, por exemplo, para a necessidade de se relativizar o conceito de capital cultural, uma vez que são diversos os exemplos de situações como aquelas em que famílias sem capital escolar atribuem lugar simbólico ao saber escolar e conferem destaque à criança letrada no seio da configuração familiar. Lahire aponta ainda casos em que, apesar de possuírem capital cultural, as famílias não dispõem de tempo para transmiti-lo aos filhos, ou que, possuindo objetos culturais, não os utilizam nem se preocupam em franqueá-los aos filhos. Esse autor chama a atenção ainda para o fato, também constatado em nossos dados, de que a ação de transmissão de capital cultural não é unilateral, mas implica em um trabalho de apropriação e de construção pelo herdeiro, o que faz emergir novamente a noção de sujeito individual como mais um elemento para a análise.

Meu objetivo não é era, nem deveria ser, estabelecer padrões, leis ou determinantes últimos das escolhas, ações e significados construídos pelas famílias dos técnicos investigados, mas alcançar algum nível de imersão nesse universo diferenciado e heterogêneo, ainda que perpassado por diversas regularidades e recorrências. Conhecer as configurações concretas nas quais se inserem os trabalhadores permite ampliar nossas referências a fim de aprimorar o diálogo com eles. De qualquer forma, para os filhos-referência, bem como para a totalidade de seus irmãos, foi possível concluir o ensino fundamental. No caso dos filhos-referência, de maneiras diversas, parecem vir se construindo esperanças de mobilidade social futura que, sem sombra de dúvidas, contribuem definitivamente para a construção de visões de mundo e projetos específicos, no sentido de que se diferenciam claramente de outros que também circulam no meio popular, como os de uma carreira marginal, de bandidos (Zaluar, 1985). Três importantes eixos estruturantes da lógica que perpassa essa visão de mundo em construção são a lógica racional, a valorização do esforço e a concepção de que a melhoria de vida está ligada aos ganhos da qualificação operária. Ainda que esteja presente em seu universo cultural a categoria da “chance”, predomina nesses grupos familiares a valorização do estudo e de um *habitus*, de certa forma ascético, além de diversos outros fatores como as dificuldades de relacionamento (“timidez”). Por trás disso tudo, assistimos a uma socialização que, também por motivos diversos, inicia já na infância a inserção de alguns desses sujeitos na lógica racional moderna: con-

trole racional, uso do tempo, do espaço, do corpo, dos conhecimentos e das relações sociais (Foucault, 1983). Nossas análises acerca do papel da família na socialização dos técnicos remetem-nos às considerações de Simoni Lahud Guedes, que afirma:

*As diferentes formas de família, contudo, sendo multifuncionais e multidimensionais, separam-se também pela importância que atribuem às várias formas de educação institucionalizada, operando com níveis de reflexão diversos acerca dos métodos (...) Olhando da perspectiva da família e do modo como se coloca no local, será possível indagar que avaliação é feita dos princípios e métodos utilizados pelas instituições pedagógicas mais ou menos disponíveis ou impostas aos filhos dos trabalhadores, das quais se utilizam tanto quanto são utilizados por elas (Guedes, 1997:166-167).*

A partir dessa perspectiva, explorada ao longo de todo o presente capítulo, encaminhamo-nos então para a análise das experiências vivenciadas nos cursos de formação profissional